

CONTRIBUIÇÕES DO PERÍODO DE PANDEMIA À EDUCAÇÃO: AÇÕES DOCENTES E DISCENTES, QUESTÕES DE ADAPTAÇÃO CURRICULAR, COMUNICAÇÃO E APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA

Desde a época mais remota da civilização, o homem se comunica com si e com os outros. É nesse processo comunicativo, que a civilização dialoga e conseqüentemente, reflete as mudanças sociais, culturais, psicológicas (...) através do código – a língua – mediante a capacidade inata da linguagem.

Em tempos pandêmicos, essa situação comunicativa precisou ser adaptada, ou melhor, configurada em *bits (binary digit)* no cotidiano como um apêndice para representar sentimentos, indagações, gestos, ideias, ideologia e todo tipo de palavra imaginada e proferida pelo usuário da língua.

Os smartphones de plantão com sua alta tecnologia possibilitam na pandemia manter a comunicação “viva” em diferentes contextos comunicativos, abusando da linguagem não verbal e muitas das vezes com o excesso de *emojis*, que para os mais antigos pode causar até certo desconforto, que não compreendem muita das vezes os significados desses ideogramas utilizados nas mensagens.

Porém, para os jovens é natural utilizar, pois são os chamados “Nativos Digitais”, navegam sem problema por esse mar de significados e exploram com maestria todos os recursos visuais disponíveis na *web*. E com eles aprendemos e trocamos “figurinhas”, até mesmo na hora de passar uma mensagem simples em um grupo de *WhatsApp* da turma da escola, na qual atuamos como professores, para não sermos tachados de obsoletos.

Todas essas transformações ocorridas no contexto da pandemia da Covid-19 tem afetado a vida de todos, principalmente no universo do professor, da sua formação e as tecnologias que só se tornaram palpáveis a partir da necessidade do isolamento social. Todavia, para Barreto (2004, p. 1182) essa influência há uma vasta gama de conferidos entendimentos tão diversos que é impossível obter-se sentidos singulares. Dessa maneira, se não restam dúvidas sobre o papel central dos celulares, por outro lado, também não existe concordância sobre se existe uma expansão limítrofe.

Entretanto, o pensamento crítico não deve se esquadrihar somente na constatação da expansão das condições do ser humano em adaptar-se a natureza ou às necessidades impostas por ela, ou seja, a pandemia. Na verdade, a nova ordem é que se dê um salto além para que, assim, possam ser desnudadas as extraordinárias possibilidades que contêm as tecnologias para com as relações sociais e educacionais; as quais lhe podem dar a verdadeira forma e o real conteúdo.

Nesse movimento, criam-se meios de comunicação ou adaptam meios existentes (*WhatsApp*) que aumentam sua capacidade de mudança da realidade e que busque atingir os objetivos impostos no contexto atual. Pode-se, com isso, afirmar que, no limite, os celulares se tornaram reconhecidos elementos estruturantes de um novo discurso (incluindo-se também o pedagógico), da mesma forma que as relações sociais, por sua vez, por serem inéditas, amparam neologismos como "cibercultura" (LÉVY, 1999).

Mas, na outra ponta de pensamento existe a sustentação de que as novas tecnologias alicerçam uma espécie de assassinato do mundo não-tecnológico – ou, o mundo real – , com a 'queima', em jogos de simulacros e simulação de todas as demais referências (BAUDRILLARD, 1991). Isso de certa forma faz com que a insegurança e o desvelamento venha a colocar em xeque a forma e os meios nos quais nos pautamos para ensinar de forma presencial, porém, ainda tradicional e demonstra o universo inexplorado que as tecnologias existentes ou latentes podem vir

a se tornar (ou não) substitutas ou aliadas aos meios já existentes no processo de ensino-aprendizagem.

É justamente essa troca de informações, que faz toda a diferença no processo educativo no período do isolamento social, por conta da pandemia da Covid-19, pois alunos e professores (re)aprendem de forma colaborativa sobre os recursos tecnológicos de aparelhos como celulares, que hoje se tornaram essenciais não só para comunicação, mas também, no planejamento e implementação do ensino remoto.

O que seriam de nós sem os celulares de plantão para gravar as aulas? São esses aparelhos que estão “salvando” a vida profissional de muitos docentes e contribuindo para que milhares de alunos da rede pública do Brasil acompanhem as aulas de seus professores.

Referências:

BARRETO, Goulart Raquel. Tecnologia e Educação: Trabalho e Formação Docente. Educ. Soc. Campinas, vol. 25, n. 89. Set./Dez. 2004. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/artigos/tic_professores/22617.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

BAUDRILLARD, J. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

LÉVY, P. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

Sobre os autores:

Alexandre Botelho José é Mestre em Ciências das Religiões, FUV-ES. Supervisor de Ensino da Secretaria Municipal de Piraí-RJ (SME), professor da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) e Mediador do Curso de Educação Especial e Inclusiva da Fundação CECIERJ.

Adriana da Silva Maria Pereira tem Especialização em Planejamento, Implementação e Gestão da EAD, UFF-RJ. Professora da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ), Professora Itinerante da Educação Especial da Prefeitura de Nova Iguaçu e Mediadora do Curso de Educação Especial e Inclusiva da Fundação CECIERJ.